



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

AS MULHERES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTERAPIA  
NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RAYSSA THAYNARA MADEIRA CORREIA

AS MULHERES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTERAPIA  
NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Monografia apresentada à Faculdade de  
Ciência da Informação (FCI) da  
Universidade de Brasília (UnB) como  
requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Elton Mártires Pinto.

Mm      Madeira Correia, Rayssa Thaynara  
            As mulheres na produção do conhecimento sobre  
Biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação /  
Rayssa Thaynara Madeira Correia; orientador Elton  
Mártires Pinto. – Brasília, 2019.  
            59p.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) –  
Universidade de Brasília, 2019.

1. Biblioterapia. 2. Produção Científica. 3. Mulheres na  
Ciência da Informação. 4. Brasil. I. Mártires Pinto, Elton,  
orient. II. Título.



**Título: "As mulheres na produção do conhecimento sobre Biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação, no Brasil".**

**Aluna: Rayssa Thaynara Madeira Correia**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 09 de dezembro de 2019.

**Elton Martires Pinto** - Orientador  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)  
Mestre em Ciência da Informação

**Flor de Maria Silvestre Estela** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh** – Membro  
Secretaria de Estado de Cultura do DF (SECEC)  
Mestre em Ciência da Informação

À Virgínia Turra, minha psicóloga pelo acolhimento e parceria em manter-me firme para conclusão deste trabalho, ao Dr. Marcos Vinícius, por me fazer ressurgir, e ao meu orientador Elton Mártires, pela amizade, profissionalismo e empatia.

## AGRADECIMENTOS

O início foi um sonho, mas a caminhada até o fim, árdua. Por vezes, pareceu inalcançável. A vontade de desistir foi maior que a de seguir, a saúde mental foi extremamente prejudicada e me sentia incapaz. Uma família problemática, uma graduação cursada por uma jovem periférica, a depressão, assumir a própria sexualidade. Mas, este trabalho é prova maior de toda resistência, não sobre capacidade, mas sobre força de vontade. Agradeço a resiliência que me permitiu alcançar o Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB).

À minha psicóloga, Virginia Turra, presença indescritível nessa caminhada, maior fonte de confiança, certeza, autocuidado e empoderamento, que me salvou todos os dias de mim.

À minha mãe, Ana Paula, que de longe foi o maior exemplo de força e genialidade que possuí, e primeira mulher a me empoderar; à minha avó, Olivia, que é o simbolismo da coragem que representa a genuína família brasileira de mães solo, o matriarcado. A minha irmã, a quem busco inspirar, proteger e apoiar por toda a vida, Maya; aos pequenos raios de Sol que possuo: Gabrielly, Maria Clara, Henrique, Leonardo e Bárbara.

À minha rede de apoio feminista: ao meu amor da vida, Ivi Caroline, que é a representação de amor e companheirismo mais genuíno, qual me nutre com todo respeito, confiança e empoderamento necessário pra meu fortalecimento em toda e qualquer vivência.

Às amigas, mulheres, que amo infinitamente e sou grata por dividir esse tempo na Terra: Bruna Pimentel Lopes, Luana Dias, Maria Emanuele Alves, Ana Paula Galvão, Thayná Porto, Ana Paula Fonseca, Mariana Sampaio, Alessandra Soares, Daniela Ferreira, Tatiana Paiva, Laynara Paiva e Marja França.

Ao meu pai, Vagner Madeira, que de onde estiver me ilumina.

Ao corpo docente da Faculdade de Ciência da Informação (FCI), essencial na minha formação e em meu perfil profissional. E especialmente aos mestres: Márcio Bezerra, ao qual dedico uma admiração e carinho indescritíveis, por todo apoio dedicado a mim; ao mestre e orientador Elton Mártires, que caminhou comigo durante a graduação, desenvolvendo sincera amizade, e se tornou uma das maiores referências profissionais que tive a honra de assistir voar e se desenvolver com brilhantismo; a Fernanda Moreno, minha atual coordenadora e das maiores

referências em gênero que tive na vida na vida profissional; a Flor Silvestre, profissional exímia, a quem destino alto estima.

À bibliotecária Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh, primeira profissional a me vislumbrar sobre a Biblioterapia, incentivando-me mesmo a distância para pesquisa do desenvolvimento de uma parte social e humanitária da Biblioteconomia.

Agradeço a toda confiança e carinho depositados em mim, quando eu desacreditei, me reergueram.

*“Sigo apaixonada pela mulher que batalhei pra ser.”*

*Ryane Leão.*

## RESUMO

Descreve, por meio de levantamento bibliográfico, a produção de mulheres no campo da Ciência da Informação no âmbito da Biblioterapia. Objetiva-se a identificar a contribuição da produção das mulheres para o desenvolvimento da Biblioterapia e dos subtemas de pesquisa desenvolvidos na área. Destaca a trajetória histórica da leitura como terapia desde os primórdios, perpassando pela chegada da Biblioterapia no Brasil e os primeiros registros de produções acerca do tema. Levanta as produções acadêmicas e periódicas sobre a biblioterapia desde os primeiros trabalhos datados no Brasil, realizados por mulheres. Por meio de caráter documental e propósito descritivo, visa demonstrar a dedicação do gênero feminino na produção e desenvolvimento da parte social da Biblioteconomia de modo geral, enfatizando que mesmo ainda pouco desenvolvida, a Biblioterapia vem se tornando crescente dentro da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Produção Científica. Mulheres na Ciência da Informação. Brasil.

## **ABSTRACT**

Describes, through bibliographic survey, the production of women in the field of Information Science in the context of Bibliotherapy. It aims to identify the contribution of women's production to the development of Bibliotherapy and research subthemes developed in the area. It highlights the historical trajectory of reading as therapy since the beginning, going through the arrival of Bibliotherapy in Brazil and the first records of productions on the subject. It raises the academic and periodical productions about bibliotherapy since the first dated works in Brazil, performed by women. Through its documentary character and descriptive purpose, it aims to demonstrate the dedication of the female gender in the production and development of the social part of Library Science in general, emphasizing that even though still underdeveloped, Bibliotherapy has been growing within Information Science.

**Keywords:** Bibliotherapy. Scientific production. Women in Information Science. Brazil.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: HISTORICIDADE DA BIBLIOTERAPIA

30

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Número de artigos científicos, Monografias, Teses e Dissertações publicados por ano no Brasil.	53
Gráfico 2 – Subtemas das Produções a cerca da Biblioterapia	54
Gráfico 3 – Produção Por Instituição de Ensino Superior	56

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Conceitos e Objetivos da Biblioterapia	32
<b>Quadro 2</b>	Características dos tipos de Biblioterapia	35
<b>Quadro 3</b>	Campos de atuação e finalidades da Biblioterapia	37
<b>Quadro 4</b>	Benefícios da Biblioterapia	38
<b>Quadro 5</b>	Artigos publicados em periódicos sobre o tema Biblioterapia	43
<b>Quadro 6</b>	Monografias, Teses e Dissertações produzidas no Brasil sobre Biblioterapia na formação em Biblioteconomia.	48

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	Ciência da Informação
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo (Campus Marília)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1 PROBLEMA	16
1.2. OBJETIVOS	16
1.1.1 OBJETIVO GERAL	16
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
1.3. JUSTIFICATIVA	17
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>19</b>
2.1. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	19
2.1.1. CONSTRUÇÃO, COMUNICAÇÃO E USO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: CICLO INFORMACIONAL	21
2.1.2. O PAPEL DA MULHER NA CIÊNCIA E NA CI	22
2.2. HISTÓRICO DA LEITURA COMO TERAPIA	25
2.3. BIBLIOTERAPIA	31
2.3.1. CONCEITUAÇÃO	31
2.3.2. APLICAÇÕES	34
2.3.3. CONTRIBUIÇÕES	37
<b>3. METODOLOGIA</b>	<b>41</b>
<b>4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>42</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à literatura da Ciência da Informação (CI) buscam cada vez mais a diversificação quanto às tendências temáticas, tanto em linhas de pesquisa quanto às produções individuais entre autores. Segundo Capurro (2003), a CI tem por base a informação, o que a leva ao objetivo de analisar as relações entre os discursos, as comunidades, documentos, bem como a interação e interpretação que emana desses conjuntos, buscando assim sua solidificação frente à comunidade científica, de modo a trabalhar no fortalecimento de seus objetos de estudo, como, por exemplo, a pesquisa das relações nas mais diversas áreas do saber e os discursos provenientes das mesmas. Deste modo, o conhecimento científico (característico das instituições universitárias), é o responsável por manifestações concretas do conhecimento produzido por determinado grupos.

Mesmo no ápice do desenvolvimento científico que vivenciamos no século XXI, mulheres ainda lutam por inclusão e igualdade no convívio social, seja acadêmico, profissional ou pessoal. A discrepante valorização do trabalho feminino frente ao masculino ainda é uma realidade universal, mesmo em casos de posições hierárquicas igualitárias.

Com este estudo, pretende-se evidenciar a produção científica majoritariamente feminina, no campo da Biblioterapia, a prática da leitura utilizada como método terapêutico, destacando o histórico, conceituações, aplicações e contribuições do âmbito da CI, com o enfoque da mulher como produtora de informação contribuindo para o desenvolvimento da Biblioterapia.

### 1.1 *Problema de pesquisa*

Qual a contribuição das mulheres no tocante a produção intelectual sobre Biblioterapia, no âmbito da Ciência da Informação no Brasil?

### 1.2 *Objetivos*

#### 1.2.1 *Objetivo Geral*

Identificar a produção intelectual de mulheres no campo da Biblioterapia, no âmbito da Ciência da Informação, no Brasil.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Levantar, na literatura, o histórico da leitura como terapia;
- b) Apresentar as contribuições das mulheres para a CI no tocante à temática Biblioterapia;
- c) Relacionar a produção intelectual das mulheres com os subtemas pesquisados na Biblioterapia.

### 1.3 *Justificativa*

O histórico da leitura como terapia é identificado desde as grandes civilizações: Egípcia, Romana, Grega, etc., pelas mais diversas motivações, perpassando por diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, a Medicina, a Psicologia e a Biblioteconomia. Dentro deste levantamento evidenciou-se na produção acadêmica a respeito da Biblioterapia, a presença de forma majoritária de mulheres pesquisando sobre o tema, principalmente no âmbito da CI.

O processo de produção do conhecimento nasce do fomento acadêmico direcionado às diversas linhas de pesquisa, identificando a necessidade de conhecer e desenvolver a sociedade em todos os âmbitos. Não diferente na CI, o surgimento de novas linhas de pesquisa têm por objetivo suprir a carência informacional do indivíduo, independente de sua motivação.

Neste trabalho, pretende-se demonstrar a importância que a Biblioterapia têm adquirido ao longo dos anos, não só como prática terapêutica para o desenvolvimento psicomotor, no tratamento do cuidado emocional e psicológico do indivíduo (independente do grau de instrução e/ou gênero), mas também, como corrente teórica da própria biblioteconomia.

Levando em conta os desígnios da biblioteconomia e da CI, o presente estudo poderá proporcionar a reafirmação multidisciplinar como meio para a formação do profissional bibliotecário, no sentido de um campo alternativo para pesquisa acadêmica e atuação profissional, destinando aos bibliotecários o alerta para o fato de que essa perspectiva de inserção profissional ainda é pouco divulgada em sua formação, principalmente no espaço de trocas acadêmicas.

Sendo assim, a motivação para a realização desta pesquisa, nasceu da necessidade de destacar a forma impositiva da presença feminina em uma área ainda pouco dominada pela CI, no ramo da Biblioteconomia, de modo a revisar a literatura existente acerca do tema e contribuir para seu desenvolvimento futuro e validação do campo como pertencente à formação do profissional bibliotecário.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta a revisão de literatura elaborada através do levantamento bibliográfico sobre o conceito da Ciência da Informação (CI): a construção, comunicação e uso do conhecimento científico: o ciclo informacional; e o papel da mulher na CI. E sobre a Biblioterapia: histórico da leitura como terapia; conceitos, aplicações e contribuições da Biblioterapia; e a atuação da mulher na Biblioterapia.

### 2.1 *Ciência da Informação*

A CI, como área do conhecimento, originou-se da necessidade de organizar, controlar, recuperar, disseminar e usar a informação, após a Segunda Guerra Mundial, devido à explosão informacional juntamente com a inserção de novas tecnologias no cotidiano social (SMIT; TÁLAMO 2007).

O desenvolvimento de seu estudo, que tem por objeto a informação, proveu o entendimento da interdisciplinaridade da área e da forma em que atua na sociedade, fundamentando-se como social, cognitiva e interdisciplinar (GUEDES; BAPTISTA, 2013).

A respeito dos aspectos sociais da CI, Le Coadic (2004) afirma ser uma área preocupada em suprir a necessidade do indivíduo sobre determinada demanda informacional, localizando-se no campo das ciências sociais, onde há busca de entendimento da realidade cultural e social. Afirma também sobre o aspecto interdisciplinar da CI, ressaltando a cooperação de diversas áreas entre si para a construção de seu estudo e fundamento, dentre elas a Sociologia, Psicologia, Linguística, Informática e Matemática.

A característica cognitiva é identificada na preocupação em relação à dinâmica intelectual e a evolução do conhecimento. Segundo Guedes e Baptista (2013, p. 233) “a informação pode ser explicada como algo que propicia uma mudança no conhecimento de um indivíduo, porém, tal situação só se concretiza se há reconhecimento de uma informação relevante para o desenvolvimento cognitivo”. Neste sentido, a informação não é o produto final de um processo representativo, mas uma dimensão existencial do ser humano no mundo com outros indivíduos.

O processo de construção do conhecimento se dá por meio de um movimento complexo, no qual os sujeitos interagem entre si, mas também com as informações, processando-as para, a partir de seus enquadramentos, de suas possibilidades cognitivas, se apropriarem dos conteúdos acessados (GOMES, 2008, p. 1).

Em 1968, Borko apontou o caráter interdisciplinar da CI. Segundo ele, essa nova ciência apresentava componentes tanto das ciências puras quanto das ciências aplicadas. Ao escrever sobre o tema, começou a delinear uma definição para a nova ciência: a CI está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação (BORKO, 1968, p. 3).

Saracevic (1996, p. 47) aponta como áreas de concentração de problemas para a pesquisa e a prática profissional na CI: efetividade, comunicação humana, conhecimento, registros do conhecimento, informação, necessidades de informação, usos da informação, contexto social, contexto institucional, contexto individual e tecnologia da informação. Justificando assim, que para vários problemas, existiriam formas de tratá-los em vários campos, por isso, a caracterização de um campo interdisciplinar.

A complexidade em torno da problemática citada é também uma das origens da CI, buscando definir uma sociedade de difícil compreensão e definição. O debate Sociedade da Informação *versus* Sociedade do Conhecimento reforça tal visão.

A ideia de Sociedade do Conhecimento é empregada em meio acadêmico como uma alternativa para Sociedade da Informação.

O conceito de “sociedade da informação”, a meu ver, está relacionado à idéia [sic] da “inovação tecnológica”, enquanto o conceito de “sociedades do conhecimento” inclui uma dimensão de transformação social, cultural, econômica, política e institucional, assim como uma perspectiva mais pluralista e de desenvolvimento. O conceito de “sociedades do conhecimento” é preferível ao da “sociedade da informação” já que expressa melhor a complexidade e o dinamismo das mudanças que estão ocorrendo.[...] o conhecimento em questão não só é importante para o crescimento econômico, mas também para fortalecer e desenvolver todos os setores da sociedade (KHAN *apud* BURCH, 2005, p. 3).

Neste sentido, consideramos que o movimento do conhecimento gire em torno do compartilhamento, no sentido de comunicar. Chegamos então ao fundamento da CI, de modo que a informação não é produto final dentro de um processo representativo, mas sim uma dimensão existencial do ser humano no

mundo entre outros comuns. Capurro (2003) defende que o conhecimento é adquirido pelo processo de comunicar, e que a informação seria, portanto, uma dimensão de nosso convívio social. Neste contexto, podemos citar os paradigmas da CI, determinados por Capurro (2003), a saber: físico, cognitivo e social. O paradigma físico se caracteriza nos sistemas informatizados, não considerando o usuário no processo de recuperação da informação, nem suas percepções e interpretações, somente um processo mecânico. O paradigma cognitivo enfatiza o aspecto comportamental do usuário, sem levar em conta o seu contexto social. E no paradigma social, enfoca-se a recuperação dos elementos subjetivos dos usuários, para definir os sistemas de recuperação, considerando sua visão de mundo e contexto social.

A informação então pode ser considerada um atributo da mensagem, resultante da interação entre mente e texto (mensagem), envolvendo processo cognitivo e a compreensão individual. Desta forma, a informação pode modificar o cognitivo de seu receptor, através do processo em surge a informação até o momento de sua recuperação e uso, caracterizado como ciclo informação ou fluxo informacional.

#### 2.1.1 Construção, comunicação e uso do conhecimento científico: ciclo informacional

De modo a se pensar o fluxo da informação desde seu surgimento, perpassamos por todo um processo de estruturação e comunicação da mesma. Duarte (2009) ressalta que a comunicação no ciclo da informação permite a evolução do conhecimento. De acordo com o autor, a interpretação demonstra as etapas da informação dentro da visão da evolução cognitiva, tais etapas são: Informação, Conhecimento, Desenvolvimento e Comunicação, organizadas de maneira cíclica.

Ao discutir a realidade como algo que é construído socialmente e não com uma existência em si mesma, independentemente dos sujeitos que conhecem, os autores abrem caminho para uma compreensão da informação não como um dado, uma coisa que teria um significado e uma importância per se, mas como um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação – o que vai na contramão tanto da definição de Borko (1968) sobre o comportamento e o fluxo da informação excluindo os sujeitos,

quanto da definição de Buckland (1991), que vê “a informação como coisa” (ARAÚJO, 2003, p.25).

O sujeito então em uma visão mais geral está presente e contribui de forma ativa neste processo onde ocorre a troca de informação e geração de conhecimento. Tal afirmação, no contexto da CI, busca empoderar o indivíduo, que é peça chave no âmbito do processo informacional ou da necessidade da informação. Corrêa (2014) propõe então uma nova terminologia para definir o sujeito, participante, que deixa o papel de espectador e passa a ser integrante do processo informacional. Segundo a autora, interagente seria a melhor definição de um sujeito como usuário dos serviços de informação.

Partindo de um novo conceito, Corrêa (2014, p. 37) afirma a necessidade de adaptar também a cultura e atuação das unidades de informação, saindo de um papel impositivo e assumindo um papel participativo. Passou-se a considerar que os interagentes são determinantes na circulação de uma boa informação, colaborando na criação e continuidade do processo informacional.

Ao interagir e transformar o seu meio, o indivíduo torna-se ativo na sociedade, seja ela do Conhecimento ou da Informação. É importante então, que a CI trate esse sujeito não simplesmente como usuário, mas como alguém que acrescenta significados, atribui valores e produz informação e conhecimento. Nesse contexto, a Biblioterapia se caracteriza em uma visão mais ampla nas pesquisas da CI, pois apesar de seu aspecto terapêutico, a base de seu processo é oriunda da comunicação e mediação da informação, buscando o compartilhamento e interpretação de informações para atender ao usuário, como defendem Lucas, Caldin e Silva (2006).

### 2.1.2 O PAPEL DA MULHER NA CIÊNCIA E NA CI

A CI enquanto ciência social possui como um de seus objetivos atender as necessidades de informação de grupos e indivíduos. Ao considerar a informação como fonte de saber e poder visa contribuir no processo de produção, organização, acesso e disseminação de conteúdos informacionais, buscando a diminuição das desigualdades vivenciadas pelas minorias.

Ao mensurar a produção bibliográfica por gênero, partimos da perspectiva teórica de Joan Scott (1990, p.14) sobre gênero, que o entende como um

componente constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo a primeira forma a significar às relações de poder.

A ciência reflete sobre gênero desde o final dos anos 1960. O domínio está tradicionalmente atrelado às pesquisas em Ciências Sociais, sendo abordada pela Sociologia, Psicologia, Educação, entre outros. O conceito moderno do termo gênero surgiu no final dos anos 1960, quando o psiquiatra Robert Stoller – ao pesquisar sobre problemas anatômicos em meninas e meninos, que ocasionavam uma criação como se fossem do sexo oposto – definiu a diferença entre sexo e gênero. Partindo desta pesquisa<sup>1</sup>, Stoller percebeu que existiam duas características: uma biológica – qual demonstraria que o ser humano, como espécie, precisa de diferenciação sexual para se reproduzir -, consistindo assim no sexo, e outra psicológica – que se definiriam como os comportamentos atribuídos e esperados de cada gênero –, consistindo em gênero (MATOS, 2015).

O movimento feminista na década de 1960 trouxe um conjunto de ideologias, as mulheres queriam ser vistas pela sociedade como sujeito, e editar novas regras sócio culturais. Explica Saboya (2013, p. 1-2) a respeito do movimento feminista da época:

De um lado, o feminismo, por meio de suas lutas específicas, chamou a atenção para a desigualdade política, jurídica, social e econômica das mulheres; de outro, foi a fundo em suas reflexões sobre a desigualdade, possibilitando o aparecimento de trabalhos sobre relações de gênero e mulher, pondo em xeque argumentos historicamente tomados como naturais.

Os estudos sobre a mulher se iniciaram ainda nos anos 1960, mas somente nos anos 1970 ganharam maior notoriedade. Em 1980, diante de uma postura crítica a respeito da posição das mulheres, inúmeras áreas passaram a questionar os papéis sociais, as desigualdades de poder e sua relação com o sexo, afirma Sardenberg (2014). Isso ocorreu também pelos movimentos que pediam igualdade de direitos entre homens e mulheres, o que acabou facilitando a entrada delas na educação e carreira científica, antes áreas ocupadas apenas por homens.

---

<sup>1</sup> Pesquisa publicada no livro “*Sex and gender: on the development of masculinity and femininity*”.

Outro aspecto relevante nas mudanças trazidas pelo movimento feminista se dá pelas grandes mudanças na estrutura familiar, como o de emancipação feminina. Segundo Espírito Santo (2008), esses movimentos influenciaram muito o meio acadêmico principalmente nos Estados Unidos e Europa.

De acordo com Louro (1994, p. 31), acompanhando um movimento internacional, surgiram no Brasil na década de 1970, grupos de estudo no meio acadêmico, destinados a discutir as questões da mulher, que levando em conta a realidade em que se encontrava o país, lutavam não só por igualdade de direitos, mas por questões sociais, como anistia, aumento do custo de vida, etc.

A introdução da mulher no meio científico, no século XX, também ocorreu pelo fato de que:

A Ciência passou a receber duras críticas, o que permitiu o ingresso das mulheres nas atividades acadêmicas, [...] vale ressaltar, que se continuava a desconsiderar as relações de gênero quanto à metodologia, o conteúdo da pesquisa e a distribuição das posições de poder entre homens e mulheres (SILVA, 2008, p. 137).

Estudar gêneros é também verificar através da história, a posição das mulheres na sociedade, como elas são vistas e quais são os problema culturais que ainda impedem sua visibilidade aos olhos da Ciência, ou do mercado de trabalho em geral. Segundo explica Silva (2008, p. 134):

Para se entender o problema que existe entre a ciência e as mulheres é preciso, inicialmente, se entender que se trata de um problema de relações sociais de gênero, uma vez que a ciência tem se caracterizado como masculina, ora excluindo as mulheres, ora negando seus feitos científicos (SILVA, 2008, p. 134).

Na Biblioteconomia, desde de 1990, é possível encontrar artigos que versam sobre gênero sob diferentes enfoques, tais como: formação acadêmica (RASCHE, 1998), mediação da informação (CRIPPA, 2011), na literatura da área (BUFREM; NASCIMENTO, 2012), desigualdades no mercado de trabalho (FERREIRA et al., 2013) ou sobre o trabalho em bibliotecas (SOUZA; AFONSO, 2014).

Segundo Leta (2003), somente a partir da década de 1980 e 1990 que a participação feminina aumentou no âmbito científico. Dados mais recentes demonstram que a desigualdade na ciência e tecnologia ainda persiste, bem como a hierarquização administrativa que favorece os homens, tornando necessário o

incentivo à participação de mulheres em pesquisas, desde a educação básica. Atualmente existem inúmeros projetos, teses, dissertações, e artigos sobre a Biblioterapia produzidos no contexto da CI, em suma, produzidos por mulheres.

## 2.2 HISTÓRICO DA LEITURA COMO TERAPIA

A leitura é atividade básica e cotidiana, presente na rotina do ser humano como exercício fundamental. Essa atividade, de finalidades distintas, possibilita o desenvolvimento cognitivo e cultural do indivíduo, que passa a enobrecer seu vocabulário desenvolvendo sua comunicação. Segundo Tersariol (1969, p. 266), “leitura é o ato ou efeito de ler, arte, hábito de ler; aquilo que se ler”.

O processo da leitura pode ser definido de várias maneiras, dependendo não só do enfoque dado, seja ele linguístico, psicológico, social, fenomenológico, etc., mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo. O ato de ler, para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

O conceito de leitura refere-se a um processo de representação, que envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, o ato de compreender o que ali está sendo comunicado. Para Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”.

A função terapêutica da leitura considera a possibilidade de a literatura propor uma alteração no estado emocional do indivíduo. De acordo com Caldin (2001, p. 32), “A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa”. Segundo Guedes (2013, p. 23):

A biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, encarando seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o simples ato de ler que possibilita esta situação, mas a leitura de informações para análise e interpretação, destacando seu caráter modificador e transformador.

A possibilidade de mergulhar nas histórias originou uma vertente da prática terapêutica, desenvolvendo a aptidão imaginária, notou-se a melhora na saúde mental. Tal prática não é recente, o valor terapêutico da leitura é datado desde as civilizações antigas (egípcia, grega e romana), quando, por exemplo, no Egito antigo, o Faraó Ramsés II, mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição “Remédios para a alma” (ALVES, 1982). Nos primórdios as bibliotecas se localizavam em templos nominados “Casas de vida”, reconhecidos como locais de cura médica e espiritual, como explica Montet (1989 *apud* FERREIRA, 2003). Era comum a característica de associar bibliotecas a ambientes sagrados, onde o ato de ler era fator coadjuvante para cura de enfermidades.

No primeiro século, entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus, médico e escritor, estimulava o uso da leitura e a discussão de obras renomadas durante terapia como meio de desenvolvimento da capacidade crítica de pacientes (ALVES, 1982; FERREIRA, 2003; VALENCIA; MAGALHÃES, 2016). Em 1272, o Hospital Al Mansuri, no Cairo, recomendava em seu tratamento médico a leitura de partes previamente selecionadas do Alcorão (JACK; RONAN, 2008).

Caldin (2010, p.13), cita o valor terapêutico da leitura como processo antigo, apontando que

Na Grécia antiga e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico e, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utiliza leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente.

Em 1802, o médico Benjamin Rush foi um dos primeiros americanos a recomendar a leitura como parte do plano terapêutico de seus pacientes, e em 1810 esse programa foi inserido no tratamento de pacientes com doenças mentais (JACK; RONAN, 2008). Sobre isso, Guedes (2013) destaca que durante um estudo realizado em 10 de novembro de 1802, Rush recomendou dois tipos de leitura: o primeiro para entretenimento, e o segundo, sobre temas filosóficos, morais e religiosos. Futuramente, em seu livro *Medical Inquiries and Observations upon the diseases of the mind*, Rush passa a indicar a leitura terapêutica como forma de apoio a psicoterapia em geral, não somente a doentes mentais. Então, entre 1815 e 1853, Rush influenciou médicos americanos que passaram a recomendar aos pacientes hospitalizados a leitura de textos cuidadosamente selecionados e adaptados às

necessidades de cada indivíduo, para tratamento de pessoas portadores de conflitos internos, depressão, medos ou fobias e também para idosos (ALVES, 1982).

Outra aplicação da leitura como função terapêutica é observada nas histórias da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Segundo Pinto (2005), a leitura era utilizada como auxílio na recuperação de pacientes feridos, quando bibliotecários leigos da Cruz Vermelha ajudaram na construção de bibliotecas nos hospitais do Exército, durante a Primeira Guerra Mundial. Já na Segunda Guerra Mundial, a corporação soviética aconselhou a população a ler, como forma de se distrair e automaticamente pensarem em algo além da miséria que enfrentavam, em virtude do domínio Alemão, que impediu a entrada de alimentos à cidade Russa de Stalingrado.

Sobre a função terapêutica em todos os textos literários, Caldin (2009, p.151-152) explica que “todo texto poético tem o potencial para ser terapêutico”, não é possível mensurar o quanto ou a forma que cada narrativa ficcional atinge cada indivíduo, pois cruzam em fatores subjetivos, como: sentimentos, valores, faixa etária, ânimo e personalidade. Se o envolvimento com a história gera catarse, identificação ou introspecção, o aspecto terapêutico foi atingido.

Em 1916, segundo Rosa (2006, p. 20), o termo Biblioterapia passa a ser usado por Samuel Crothers como uma nova ciência. E, na década de 1940, Caroline Shrodes, surge como a primeira pessoa com doutorado em Biblioterapia, determinando assim, o alicerce da Biblioterapia atual. Apesar do histórico da leitura como função terapêutica, o termo *Biblioterapia*, dentro da Biblioteconomia somente emergiu após o século XX. Segundo Guedes e Ferreira (2008), o termo Bilbioterapia, deriva da junção de dois termos gregos: *biblion* (livro) e *therapeia* (tratamento). Correspondendo então, a terapia por intermédio dos livros, da leitura.

Na década de 1950, Oathout (1954) publica o artigo *Books and mental patients*<sup>2</sup>, de referência para o campo biblioterapêutico, defendendo três níveis para utilizar a Biblioterapia e as necessidades teóricas para tornar-se ciência. A partir desse período, estudos biblioterapêuticos começam a serem realizados fora da área médica, Flandorf (*apud* BEATTY, 1962), por exemplo, registra o trabalho com crianças.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: Livros e doentes mentais.

Beatty (1962) avalia estudos realizados sobre a Biblioterapia da década de 1920 até a década de 1950, sendo na década de 1920 escritos sobre os primeiros trabalhos avaliando os efeitos do uso de livros em bibliotecas hospitalares. Segundo o autor, a história da Biblioterapia pode ser dividida em três grupos: entusiasmo, arte e ciência. O entusiasmo foi relatado no trabalho de Craigie (*apud* BEATTY, 1962) ao defender a poesia como um instrumento de ânimo aos veteranos do Hospital Bureau. A arte pode ser identificada nos artigos de Creglow, Peterson-Delaney e Webb (*apud* BEATTY, 1962), sendo que os três abordam métodos variados, não tendo uma uniformidade apesar de estar na mesma vertente. O grupo com visão científica pode ser encontrado em resultados vistos nos casos e relatórios analisados pelos autores Bruce-Porter e Ireland (*apud* BEATTY, 1962).

Em sua análise histórica do processo biblioterapêutico, Silverberg (2003), destaca que “[...] na década de 1960, com o florescimento das ciências sociais e comportamentais, a capacidade do ato de ler para produzir uma mudança de atitude e comportamento tornou-se amplamente reconhecida” (SILVERBERG, 2003, p.132, *tradução nossa*).

Pereira (1996) afirma que a *American Library Association* (ALA) realizou três pesquisas que refletem as filosofias e práticas da biblioterapia no período de trinta anos. A primeira pesquisa foi realizada em abril de 1956, com a orientação de Hanningan (*apud* PEREIRA, 1996), sobre os serviços da biblioterapia. A segunda pesquisa, em 1961, foi realizada sob a direção de Tews (*apud* PEREIRA, 1996), que conduziu um grupo selecionado que conhecia o tema e entendia da prática terapêutica com livros, para buscar um consenso em relação à prática e à formulação de uma definição. A terceira pesquisa foi produzida em 1975 com as duas finalidades.

De 1960 a 1975, 195 artigos, mais 32 dissertações e estudos de pesquisas foram publicados. Dos 131 artigos de 1970-1975, 35% apareceram em jornais bibliotecários e 65% em periódicos de outros campos tais como enfermagem, terapia ocupacional, psiquiatria e educação. A biblioterapia é claramente e deve ser desenvolvida como uma atividade interdisciplinar (PEREIRA, 1996, p.42).

Assim a Biblioterapia é classificada por diversos autores como um campo interdisciplinar Rattton (1975), Caldin (2001), Ferreira (2003), Castro (2005), Lucas

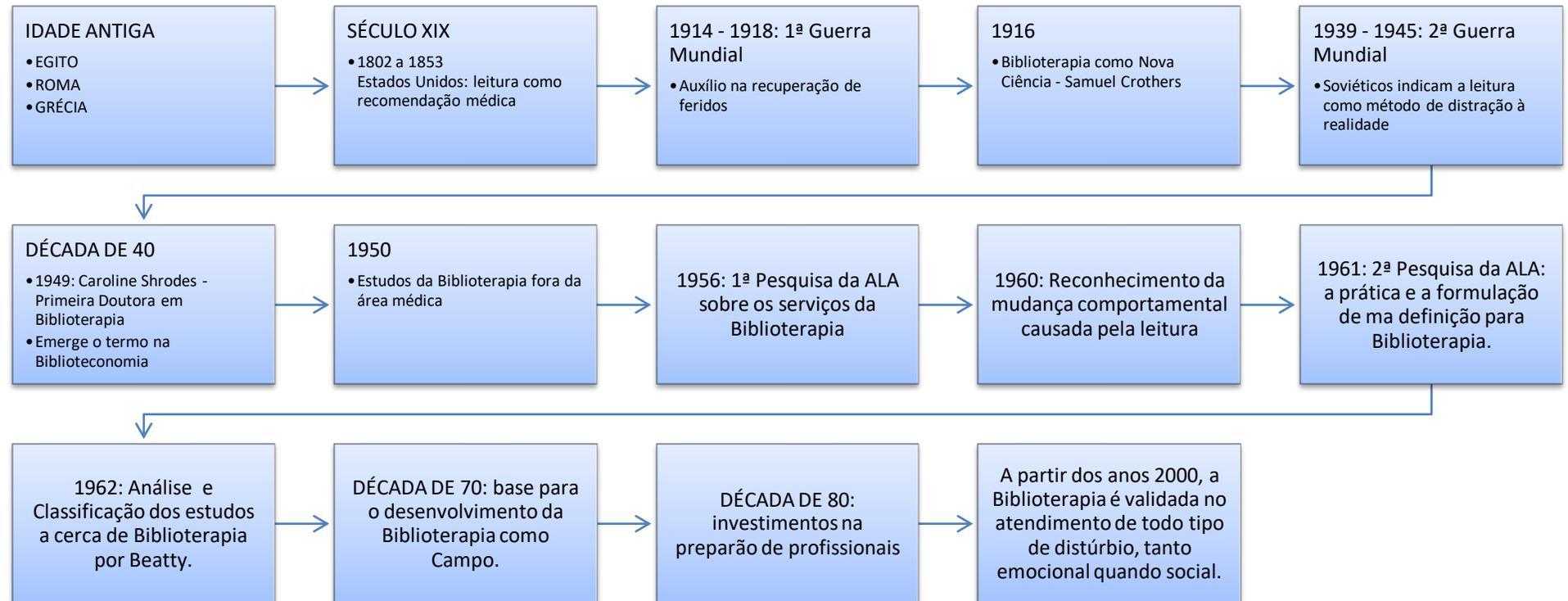
(2006), Fonseca (2014), e multiprofissional (PINTO, 2005). Há consenso entre os autores como um campo propício para atuação do profissional bibliotecário.

Nos anos 1970, procurou-se uma base para o desenvolvimento da Biblioterapia como campo, incluindo cursos sobre a técnica, enquanto que nos anos 1980 o investimento nesta área foi de preparação de profissionais, com padrões e certificados para biblioterapeutas treinados, não se esquecendo da busca constante de teorias e da necessidade de pesquisas e métodos (PEREIRA, 1996, p. 45-46).

Artigos publicados nos Estados Unidos, no período de 2001 a 2012, apontam o estudo da Biblioterapia no atendimento de todo tipo de distúrbio, tanto emocional quanto social, validando-o no âmbito da Psicologia. Atualmente, as pesquisas acrescentam a tendência de desenvolverem a autoaplicação da Biblioterapia, como um processo de autoajuda, como indicam as publicações recentes sobre o tema, nos Estados Unidos. No Brasil, entretanto, ainda busca-se o entendimento da realização desta atividade em grupo, principalmente no ponto de vista da Biblioteconomia, identificando a vertente tanto científica como prática.

Apresenta-se a seguir, um quadro, que apresenta de maneira sintetizada a trajetória histórica da Biblioterapia, desde as primeiras civilizações, até os anos 2000.

Figura 1: HISTORICIDADE DA BIBLIOTERAPIA



Fonte: Elaboração própria.

## 2.3 Biblioterapia

“A biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco! Quanto mais longe remontarmos na História, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa” (OUAKNIN, 1996, p. 27).

### 2.3.1 Conceituação

Ao tratarmos de um campo interdisciplinar, de acordo com a importância para cada área, o termo biblioterapia adquire diversos conceitos e objetivos, por diversos autores.

A interação do homem com a literatura não é recente, no seio da sociedade, foi abordada por vários filósofos e pensadores ainda no século XX. Ao longo dos anos, tais posicionamentos a cerca da existência e psique humana, tomaram grandes proporções na sociedade, fazendo com que a literatura ganhasse uma importância impar no tratamento de enfermidades, além de sua contribuição cultural e educacional.

A biblioterapia nasceu dos termos derivados das palavras latinas *biblion* (livros) e *therapein* (tratamento), segundo Caldin (2001). Seu significado se resume basicamente ao tratamento por intermédio da leitura. Na literatura os conceitos de biblioterapia se assemelham tanto nos profissionais da área de informação como nos profissionais da área de educação, de psicologia e de medicina, porém há discrepâncias em como ela é definida para estudo, se é uma área do conhecimento, um campo de atuação ou uma técnica (SILVA, 2005). Sendo uma atividade interdisciplinar, cada área encara a importância deste método de forma diferenciada. Basicamente, se entende que a biblioterapia é fundamentada numa filosofia que sugere à pessoa a capacidade de infinitas formas de resolver um impasse, interpretando a si mesmo.

Ouaknin (1996) ressalta que o objeto central da biblioterapia é o ser humano em contínuo movimento, onde o fortalecimento psíquico advém do processo interpretativo e narrativo da leitura, logo, o entendimento do texto lido possibilita a terapia reafirmada nas interações entre o texto e o indivíduo, de forma a trabalhar o emocional da pessoa enferma juntamente com os tratamentos tradicionais.

O Quadro 1, elaborado por Rosa (2006), tem como objetivo reunir diversos

conceitos e objetivos acerca da Biblioterapia, de acordo com diversos autores de referência na literatura a respeito do tema.

**Quadro 1 – Conceitos e Objetivos da Biblioterapia**

<b>AUTOR</b>	<b>CONCEITOS</b>	<b>OBJETIVOS</b>
Alice Bryan (1939)	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor identificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir a ação.
L H. Tweffort (1949)	É um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das relações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.	Fazer a introspecção para o crescimento emocional; melhorar o entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas, afastar a sensação de isolamento; verificar as falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.
Appel Kenneth (1949)	É o uso dos livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Adquirir informação sobre a psicologia e a filosofia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse por algo exterior ao indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e

		auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Louise Rosenblatt (1949)	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.	Divide objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio de catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir uma melhor administração dos conflitos.
Orsini (1982)	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.	Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o autoconhecimento pela reflexão, reforçar os padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
Mattews e Lonsdale (1992)	Constitui-se de uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem de projeção, a introspecção e a catarse.	Distinguiram três tipos a terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa. Assim, os objetivos são: divertir e educar, informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais.
Caldin (2001)	É a leitura dirigida para a discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais quiçá físicos; oferecer moderação das emoções a criança.

Fonte: ROSA (2006, p. 17).

No Brasil, os primeiros estudos acerca da Biblioterapia, datam 1975, com Ângela Maria Ratton, ao tornar publicar o seu artigo “Biblioterapia”, no qual ressalta os benefícios da leitura. E em 1982, Maria Stela Orsini ao publicar o artigo “O uso da literatura para fins terapêuticos”.

De acordo com Nascimento e Rosemberg (2007), a linguagem do material selecionado, somado ao diálogo, resulta em elementos de sucesso no tratamento. Acreditam na comunicação como uma forma de trabalhar o desenvolvimento emocional do paciente, valorizando o tratamento tradicional. Em suma, a biblioterapia é um método que consiste na dinâmica e na ativação da linguagem, pois as palavras não são neutras (NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007, p. 3).

No estudo da Biblioterapia, o aspecto temporal é de extrema relevância, pois nota-se, que inicialmente a atividade era apresentada de maneira como elemento de correção, com foco em hospitais e com pacientes que sofriam de enfermidades mentais. E já no contexto atual, observa-se que a o desenvolvimento da atividade engloba um quadro mais geral, tanto relacionado ao ambiente de aplicação, a sua diversidade de possíveis pacientes, quanto ao objetivo do tratamento.

### 2.3.2 Aplicações

Com base em suas diversas aplicações, tipos de público e faixas etárias, a Biblioterapia pode ser dividida em: institucional, clínica e desenvolvimental.

Na biblioterapia institucional, o foco de aplicação são locais institucionais, públicos e privados. Podendo ser realizada em grupo ou individualmente, com material didático pré-selecionado. Segundo Ferreira (2003), consiste em uma ajuda personalizada, aplicada em grupo ou individual, que a instituição presta aos seus usuários. O processo ocorre por meio de uma equipe de profissionais que aplica a literatura sobre determinado assunto, focando principalmente em característica e sinais de doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, de modo a auxiliar na tomada de decisão e orientar o comportamento conforme o propósito para o trabalho.

A biblioterapia clínica, por sua vez, é destinada a pessoas com problemas

emocionais ou comportamentais. Baseia-se na discussão de materiais com destaque nas visões e relações dos usuários. Emprega a literatura ficcional, didática e imaginativa. Músicas, filmes, peças teatrais e histórias da tradição oral também são de grande valia. Marcinko (1989, *apud* FERREIRA, 2003), entende a biblioterapia clínica como destinada às pessoas com problemas de caráter social, emocional e moral. Geralmente aplicada em instituições de saúde.

Já na Biblioterapia desenvolvimental, os pacientes não precisam necessariamente, estar com problemas psicológicos, eles estão mentalmente saudáveis, porém, atravessam um momento de crise. Possui caráter preventivo e corretivo, visando a auto realização e melhora comportamental. Segundo Marcinko (1989, *apud* FERREIRA, 2003), esse tipo de tratamento é indicado para instituições educacionais, para aplicação em crianças e adolescentes.

Essas divisões da Biblioterapia tornam-se eficientes a partir do momento em que possibilitam lidar com problemas e objetivos específicos de cada grupo ou indivíduo. Não é indicada a substituição dos tratamentos convencionais ou mesmo medicamentosos, pelas técnicas oferecidas pela Biblioterapia, mas sim promover uma complementação entre essas abordagens de tratamento, visando à melhora dos pacientes e usuários.

O Quadro 2<sup>3</sup> reúne os tipos de biblioterapia de acordo com a proposta de Rubin (1978), visando abordar de maneira mais ampla suas características.

**Quadro 2 – Características dos tipos de Biblioterapia**

<b>Tipos de Biblioterapia/ Características</b>	<b>INSTITUCIONAL</b>	<b>CLÍNICA</b>	<b>DESENVOLVIMENTAL</b>
<b>Formato</b>	Individual ou grupo	Grupo ativo voluntário e involuntário	Grupo ativo voluntário
<b>Cliente</b>	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocionais e/ou comportamentais	Pessoa normal, em situação de crise
<b>Contratante</b>	Sociedade	Sociedade ou individual	Individual
<b>Terapêutica</b>	Equipe médica e Bibliotecária	Médico, Bibliotecário	Bibliotecário, professor ou outros profissionais

<sup>3</sup> O quadro original, feito por Rubin (1978), encontra-se no livro *Using bibliotherapy: a guide to theory and practice*.

			da educação
<b>Material Utilizado</b>	Tradicionalmente didático	Literatura Imaginativa, Ficção	Literatura Imaginativa, Ficção e/ou didática
<b>Técnica</b>	Discussão de Material	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente
<b>Local</b>	Prática de Instituição privada ou pública	Prática de instituição privada ou comunidade	Comunidade
<b>Meta</b>	Informativo com visão interna	Visão interna e/ou mudanças de comportamento	Comportamento Normal ou Auto-Realização

Fonte: PEREIRA, (1996, p. 59).

O processo biblioterapêutico é constituído por componentes que descrevem as possibilidades de resultados na sua aplicação, assim o indivíduo adentra um estágio de percepção que pode levar a alteração do pensamento, gerando melhorias em seu estado. De acordo com Caldin (2001), os componentes do processo de biblioterapia são:

- Catarse – nessa perspectiva é dado enfoque na leitura de textos literários como fator para a pacificação, serenidade e alívio das emoções.
- Humor – transformação da dor em prazer; textos que privilegiam o humor são um exemplo de possibilidade terapêutica por meio da leitura.
- Identificação – processo no qual uma pessoa assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outra e, posteriormente, se transforma total ou parcialmente de acordo com o modelo dessa outra.
- Introjeção – está ligada a identificação; o indivíduo possivelmente internaliza objetos e qualidades do outro.
- Projeção – o ato de transferir ideias, sentimentos, intenções, desejos e expectativas.
- Introspecção – é a reflexão sobre os próprios sentimentos, podendo causar mudança comportamental.

Caldin (2001), ao estudar o trabalho de profissionais que utilizaram a biblioterapia, menciona Moore que realizou a aplicação da biblioterapia com jovens delinquentes; Schenek, no tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia e de depressão; Quint, com paciente dementes; Alves com presidiários; Vasquez, com

idosos; Pereira, com deficientes visuais; Seitz com pacientes internados, e o seu próprio trabalho com crianças internadas em hospitais.

Observando o Quadro 3, há uma síntese dos campos de atuação da biblioterapia, de acordo com Seitz (2000): correcional, educacional, medicina, psiquiatria, e idosos, com suas respectivas finalidades.

**Quadro 3 – Campos de atuação e finalidades da Biblioterapia**

<b>CAMPO DE AÇÃO</b>	<b>CLIENTE/FINALIDADE</b>
CORRECIONAL	Visar a recuperação de jovens delinquentes, adultos criminosos com desajuste social e/ou emocional.
EDUCACIONAL	Atuar nas crises de adolescentes e crianças com problemas especiais: morte em família; separação dos pais; crianças afastadas de seus lares; vítimas de incesto, de estupro.
MEDICINA	Tratar pessoas com problemas emocionais ou comportamentais
PSIQUIATRIA	Auxiliar pacientes com algum tipo de distúrbio psíquico, dependentes químicos.
IDOSOS	Diminuir a ansiedade e para ajudá-los a aceitar a nova condição de vida.

Fonte: Adaptado de Seitz (2000, p. 17).

Inserida no âmbito da interdisciplinaridade, a Biblioterapia estabelece diálogos com diferentes modalidades de saberes e práticas sociais voltadas para o auxílio no tratamento de pessoas em situações difíceis, sem se restringir a um tipo ou outro de sofrimento físico ou psíquico. Desse modo, o procedimento é bastante abrangente e pode ser aplicado em diferentes setores, dependendo da viabilidade de sua execução, ou seja, a existência de ambientes propícios ao exercício da leitura e a possibilidade de reflexão, seja individual ou a interação com outros participantes.

### 2.3.3 Contribuições

A informação influencia e modifica a sociedade como um todo, para que a mesma possa desenvolver conhecimento através da escrita e de meios que a divulgassem. Mas, a influência não ocorre de maneira uniforme e com mesma temporalidade a todos os indivíduos, sendo que cada um irá alcançar em seu tempo tais benefícios causados pela influência da leitura e informação, por sua livre interpretação.

A fim de reunir os benefícios e contribuições da biblioterapia, Rosa (2006, p. 18) organizou de forma a tabelar por autores, também adaptado pela autora, o Quadro 4:

**Quadro 4 – Benefícios da Biblioterapia**

<b>AUTOR</b>	<b>BENEFÍCIOS</b>
Louise Rosenblatt (1938)	Divide os objetivos em de cura e de prevenção: a) objetivos de cura: - aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse; levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais b) objetivos de prevenção: - prevenir o crescimento de tendências neuróticas; - conduzir a uma melhor administração dos conflitos.
Alice Bryan (1939)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- desenvolver a maturidade;</li> <li>- alimentar e sustentar a saúde mental;</li> <li>- proporcionar ao paciente a sensação de que ele não é o primeiro a passar pelo problema identificado;</li> <li>- permitir que possa ver a existência de mais soluções para seu problema;</li> <li>- ajudar a perceber valores e motivações básicas de pessoas em situações semelhantes;</li> <li>- oferecer dados necessários para a solução do problema;</li> <li>- encorajar o planejar e executar um trajeto construtivo de ação</li> </ul>
Gottschalk (1948)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ajudar os pacientes a entenderem melhor suas próprias reações, conflitos e frustrações psicológicas e fisiológicas;</li> <li>- ajudar a estimular o paciente a pensar construtivamente entre as entrevistas, possibilitando a auto análise, amenizando futuras atitudes e padrões de comportamento;</li> <li>- reforçar, por percepções e exemplos, nossos padrões sociais e culturais, inibindo padrões infantis de comportamento;</li> <li>- estimular a imaginação, dando enorme satisfação ou alargando as áreas de conhecimento. do paciente.</li> </ul>
L. H. Tweffort Shrodes, 1949 apud Caldin 2001	<ul style="list-style-type: none"> <li>- fazer a introspecção para o crescimento emocional;</li> <li>- melhorar o entendimento das emoções;</li> <li>- verbalizar e exteriorizar os problemas;</li> <li>- ver objetivamente os problemas,</li> <li>- afastar a sensação de isolamento;</li> <li>- verificar falhas alheias semelhantes as suas; aferir</li> </ul>

	<p>valores;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.</li> </ul>
<p>Kennet Shrodes, 1949 apud Caldin 2001</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- capacitar o indivíduo a se conhecer melhor;</li> <li>- criar interesse em algo exterior ao indivíduo;</li> <li>- proporcionar a familiarização com a realidade externa;</li> <li>- provocar a liberação dos processos inconscientes;</li> <li>- oferecer a oportunidade de identificação e compensação;</li> <li>- clarificar as dificuldades individuais;</li> <li>- realizar as experiências do outro para obter a cura;</li> <li>- auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.</li> </ul>
<p>Menninger (1961)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- mostrar como a experiência de um livro pode ocasionar uma aberração de emoção, alívio pelo reconhecimento de que outros têm problemas similares, ou projeção de suas características no caráter.</li> </ul>
<p>Alston (1962)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- mostrar que os livros podem ser usados para ajudar os pacientes a obterem maior compreensão sobre seus problemas, adquirindo linguagem e ideias que lhes permitem comunicarem esses problemas;</li> <li>- ajudar o paciente no processo de socialização, oferecendo algo que ele possa compartilhar, possibilitando a troca de ideias com outras pessoas.</li> </ul>
<p>Ratton (1975)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- conhecer e sentir experiência em segurança;</li> <li>- aumentar a auto-estima;</li> <li>- clarear os problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo;</li> <li>- estimular a criatividade; ampliar a possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário;</li> <li>- facilitar a participação da vida comunitária;</li> <li>- adquirir conhecimentos necessários ao desempenho de funções tanto na vida diária como profissional;</li> <li>- desenvolver a capacidade crítica.</li> </ul>
<p>Orsini (1982)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- auxiliar o autoconhecimento pela reflexão;</li> <li>- reforçar padrões sociais desejáveis;</li> <li>- proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias;</li> <li>- auxiliar na mudança de comportamento</li> </ul>
<p>Mattews e Lonsdale (1992)</p>	<p>distinguiram três tipos na terapia de leitura, a de crescimento, a factual e a imaginativa, objetivando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- divertir e educar (crescimento);</li> <li>- informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar (factual);</li> <li>- explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais (imaginativa).</li> </ul>

Caldin (2001)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- proporcionar uma forma das crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e físicos;</li> <li>- oferecer moderação das emoções às crianças</li> </ul>
Pinto (2005)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reduzir o nível de resistência por parte do paciente das intervenções do terapeuta, tornando mais ágil o processo de mudança;</li> <li>- identificar a idéia e a direção da mudança com uma imagem que permanece no indivíduo, tornando-se um novo recurso para o paciente;</li> <li>- oferecer novos modelos de flexibilidade, indicando outras possíveis respostas diante de situações similares vividas pelo paciente;</li> <li>- promover a independência do paciente, assegurando sua participação no processo terapêutico ao inferir, descobrir ou concluir a mensagem do texto, chegando às suas próprias conclusões, e não às interpretações do terapeuta.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Rosa (2006, p. 18).

Observa-se pela análise do quadro que são inúmeros os benefícios decorrentes da biblioterapia, mas, é impossível a afirmação de qual seria o melhor, pois é necessário o entendimento da individualidade de cada ser humano, como único, com necessidades únicas. Desta forma, cada indivíduo usufruirá de forma única dos benefícios proporcionados.

Ratificando, Seitz afirma que os benefícios podem “proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes” (SEITZ, 2000, p. 20).

Desta forma afirma-se a proposta benéfica da biblioterapia, buscando destacar a atividade da leitura como método terapêutico interdisciplinar, mas enfatizado neste trabalho quanto ao desenvolvimento na CI, de modo que e construa uma possibilidade de ação do profissional bibliotecário e de pesquisa para área.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido fundamentalmente por análise documental, buscando mostrar a importância da presença feminina na produção a respeito da Biblioterapia no contexto da CI, no Brasil. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, que tem como objetivo identificar a produção sobre Biblioterapia realizada por mulheres no campo da Ciência da Informação, por meio da trajetória metodológica de levantamento das informações.

Segundo Braga (2007, p. 25), “esse tipo de pesquisa não tem o objetivo de testar uma hipótese, mas de procurar padrões”, portanto não será uma pesquisa com resultados conclusivos, mas indicará pesquisas futuras.

Os métodos da pesquisa exploratória, para Vieira (2002), são amplos e versáteis. Estes métodos buscam levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiência, estudos de casos selecionados e observação informal. Para obtenção dos objetivos dessa pesquisa foi realizado um estudo, a partir da produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, Teses e Dissertações, e também em artigos de periódicos da área de Biblioteconomia, referentes ao tema Biblioterapia, no qual se realizou um levantamento dos mesmos. Desta seleção resultou um corpus documental constituído pelos artigos publicados sobre Biblioterapia, a partir da análise da palavra-chave “Biblioterapia na Biblioteconomia”. Os resultados da pesquisa serão apresentados no capítulo 4. Por meio de fontes de informação, tais como artigos de periódicos e textos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), encontrados na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e em repositórios institucionais, o trabalho foi desenvolvido a partir da busca geral pelo assunto “Biblioterapia na Biblioteconomia”.

O presente trabalho compila conceitos da própria Biblioteconomia e Biblioterapia. Em todo o material foi feita uma análise conceitual e histórica da Biblioterapia, e de produções comuns sobre o tema, realizadas exclusivamente por profissionais da Biblioteconomia, destacando a autoria feminina. Compilaram-se então, somente artigos de periódicos e trabalhos acadêmicos visando a produção temporal e contínua para seleção da bibliografia, onde não foi considerada a produção bibliográfica de livros a respeito do tema.

Devido o caráter relevante das duas áreas, essas foram relacionadas tendo em vista a relevância da produção sobre Biblioterapia no âmbito da CI, realizada por mulheres. A escolha dos termos foi atribuída em relação ao termo geral da pesquisa e a pesquisa do material bibliográfico foi realizada nas referências publicadas no período de 1975 a 2019.

**Amostra:** Produção científica publicada entre 1975 e 2019, recuperadas na base de dados BRAPCI, na BDTD e nos repositórios institucionais das Universidades citadas no Quadro 6, no período de agosto à novembro de 2019.

### 3.1. Tipo da pesquisa

Para iniciar a pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico, que tem por finalidade levantar todas as referências encontradas sobre determinado tema (CERVO; BERVIAN, 2002) Trata-se de pesquisa qualitativa, com caráter documental e propósito descritivo. Para realização desta, realizou-se uma pesquisa com as palavras chaves “biblioterapia na Biblioteconomia”, nas revistas científicas da área da Biblioteconomia e CI (na base de dados BRAPCI), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), e nos repositórios institucionais das Universidades Federais e Estaduais que ofertam o curso de Biblioteconomia, citadas no quadro 6.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O quadro 5, abaixo, foi reproduzido de Furtado (2013, p. 31-33) e adaptado e complementado, com o propósito de reunir e organizar os artigos científicos publicados em periódicos sobre o tema Biblioterapia, de autorias predominantemente femininas, encontrados no Brasil, no campo da Ciência da Informação, cobrindo o período compreendido entre 1975 – data da primeira publicação periódica sobre o tema -, até a atualidade.

**Quadro 5 – Artigos publicados em periódicos sobre o tema Biblioterapia**

<b>ANO</b>	<b>AUTORA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PERIÓDICO</b>
1975	Ângela M. L. Ratton	Biblioterapia	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG
1982	Maria Helena Hees Alves	A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
1982	Maria Stella Orsini	O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia	Revista Comunicações e Artes
1998	Edna Gomes Pinheiro	Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência	Informação e Sociedade
2001	Clarice Fortkamp Caldin	A leitura como função terapêutica: biblioterapia	Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2002	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência	Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2002	Maria Emília da Silva; Gleisy Regina Bóris Fachin	Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência.	Revista ACB: Biblioteconomia
2002	Silvana Beatriz Bueno; Clarice Fortkamp Caldin	Aplicação da Biblioterapia em crianças enfermas.	Revista ACB: Biblioteconomia
2003	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia para a Classe Matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência	Revista ACB: Biblioteconomia
2003	Danielle Thiago Ferreira	Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal.	ETD – Educação Temática Digital
2004	Clarice Fortkamp Caldin	A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças.	Biblios: Revista de Biblioteconomia e Ciência da informação.
2005	Virgínia Bentes Pinto	A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.	TransInformação
2005	Rachel Barbosa de Castro; Edna Gomes	Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa.	Revista Biblionline
2005	Eva Seitz	Biblioterapia: uma experiência com paciente internado em clínica médica.	Revista ACB: Biblioteconomia
2005	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por	Biblios: Revista Eletrônica de

		acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.	Bibliotecologia y Ciências de La Información.
2005	Marília Mesquita Guedes Pereira	A Biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba “ADALGISA CUNHA”	<a href="http://www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_01.pdf">http://www.geocities.w s/biblioestudantes/text o_01.pdf</a>
2006	Eliane R. de Oliveira Lucas; Clarice Fortkamp Caldin; Patrícia V. de Pinheiro da Silva	Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso.	Perspectiva em Ciência da Informação
2006	Keziana Alves Duarte	Proposta de implantação de biblioteca infantil no Centro de Oncologia do Hospital Infantil Varela Santiago	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação
2006	Eva Seitz	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica.	ETD – Educação Temática Digital
2006	Gizele Ribeiro	Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos.	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
2007	Geovana Mascarenhas do Nascimento; Dulcinéia Sarmiento Rosemberg	A Biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados.	Informação & Informação
2007	Marcia Cristina da Silva	Biblioterapia: uma nova perspectiva de atuação para o Bibliotecário	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia
2007	Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Maria Raquel Souza	Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE).	Revista ACB: Biblioteconomia
2008	Cristhiane M. Lima	Biblioterapia: A cura através da Leitura.	Revista EDUCAmazônia
2008	Eva Seitz	A Biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	ETD – Educação Temática Digital
2009	Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana	A utilização da Biblioterapia no ensino superior como apoio para auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico.	Revista de Educação

2010	Geyse M. Almeida Costa de Carvalho	A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia.	AMAZônica
2011	Clarice Fortkamp Caldin	A Teoria de Merleau- Pontyana da linguagem e a Biblioterapia.	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
2011	Eva Seitz	Lazer hospitalar: sua contribuição no processo de humanização da assistência hospitalar.	BRAPCI
2011	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina	Biblios: Revista Eletrônica de Bibliotecologia y Ciências de La Información
2011	Leodir Rocha de Oliveira, André de Souza Pena, Agameton Ramsés Justino, Andréa Luciana dos Santos	Biblioterapia: uma experiência de ler e contar histórias para pessoas hospitalizadas	Extensio UFSC – Revista Eletrônica de Extensão
2012	Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Ariluci Goes Elliott, Modesto Leite Rolim Neto	Biblioterapia com Crianças com Câncer	Informação & Informação
2012	Maria das Graças Targino; Názia Holanda Torres; Cláudio Augusto Alves	Informação e Cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública	Revista CRB-8 Digital
2012	Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetto; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein	Biblioterapia na melhor idade.	Revista ACB: Biblioteconomia
2012	Leodir Rocha de Oliveira; André de Souza Pena; Agameton Ramsés Justino; Andréa Luciana dos Santos	Biblioterapia: uma experiência de ler e contar histórias para pessoas hospitalizadas.	Extensio- Revista Eletrônica de Extensão
2013	Solange Puntel Mostafa; Denise Viuniski da Nova Cruz; Felipe Etelvino Benevenuto	Fenomenologia versus Filosofia da Diferença: a Biblioterapia em questão	Revista de Informação
2013	Ana Cristina Abreu; Maria Ángeles	Biblioterapia: estado da questão	Cadernos BAD – Revista da

	Zulueta; Anabela Henriques		Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas
2013	Mariana Giuberti Guedes; Sofia Galvão Baptista	Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação	REVISTA Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
2013	Daiana de Lima; Clarice Fortkamp Caldin	Aplicação da Biblioterapia da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Revista ACB: Biblioteconomia.
2013	Anny Carolyn Leite Calixto	Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo Hospitalar no atendimento à criança hospitalizada	Biblionline
2014	Jorge Santa Anna; Elaine Meneguci Gregório; Meri Nadia Marques Gerlin	Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do hospital universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM)	Revista ACB: Biblioteconomia.
2014	Karla Haydê Santos Fonseca	A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor / Reading the classics as a bibliotherapeutic therapy: for a better living	Revista ACB: Biblioteconomia.
2014	Edson Marques Almeida; Micarla do Nascimento Gomes; Diego Maradona Souza da Silva; Mona Lisa Silva	Biblioterapia: o Bibliotecário como agente integrador e socializador da informação	Múltiplos Olhares em Ciência da Informação
2015	Maria Cristina Palhares Valencia; Michelle Cristina Magalhães	Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional	Biblios. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação.
2016	Antonia Francinete França de Albuquerque; Heliomar Cavati Sobrinho	Biblioterapia: Conceitos, atributo e abordagens profissionais	Revista Encontros Universitários da UFC
2016	Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo	Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga – Portugal	Revista ACB: Biblioteconomia
2016	Sueli Bortolin; Sandra da Silva	Biblioterapia no âmbito hospitalar	Informação @ Profissões
2017	Marília Amaral Mendes Alves	Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de biblioteconomia da UNIRIO	RBBB – Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
2017	Maryse Azevedo dos	Biblioterapia: a contribuição	RBBB – Revista

	Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez	da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares.	Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
2017	Manuela Bravo Leite; Clarice Fortkamp Caldin	Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido	Brazilian Journal of Information Science: research trends
2017	Leticia Aurora de Almeida Grasselli, Meri Nadia Marques Gerlin	Aproximações entre a Biblioterapia e o Teatro Clown: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar	Revista Conhecimento em Ação
2017	Carla Sousa; Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: o quiasma entre as ciências	Informação & Informação
2018	Fernanda Bernardo Ferreira; Joana Coeli Ribeiro Garcia	Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário	Revista Conhecimento em Ação
2018	Carla Sousa; Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia e Hermenêutica: revisitando Gadamer e Ouakin	Perspectiva em Ciência da Informação
2018	Carla Sousa	Biblioterapia como recurso para a formação humana do Bibliotecário	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2018	Lucas Inácio de Souza; Mônica Elizabeth Yañez Gonzalez; Ana Carolina Sanches	Biblioterapia: uma vivência biblioterapêutica de desenvolvimento com alunos da disciplina de Biblioterapia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2018	Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Oliveira da Silva	Cartografando o panorama da pesquisa em Biblioterapia no Brasil: mapa produzido a partir do território da BRAPCI e a Plataforma Lattes	BIBLIOS
2019	Cristiane Aparecida Ramos do Prado; Críchyna da Silva Madalena	Biblioterapia com os gestores de uma Escola de Educação Básica de Chapecó (SC): relato de experiência	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2019	Leila Rosângela Grieger	Biblioterapia itinerante na tenda biblioteca comunitária Parque de Coqueiros em Florianópolis/SC	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2019	Sibelly Maria Cavalheiro; Jonatas Edison da Silva, Ana Carla Bilhar	Vivência de Biblioterapia com os alunos do terceiro ano da E.E.B Intendente José Fernandes: relato de experiência	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2019	Jéssica da Silva Gadelha, Gabrielle Francinne de S. C.	Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados em Ciência da	Ciência da Informação em Revista

	Tanus	Informação (BRAPCI)	
2019	Pamela Oliveira Assis; Raquel do Rosário Santos; Ingrid Paixão de Jesus	Biblioterapia como um campo de atuação para o Bibliotecário: perspectivas dos discentes de Biblioteconomia da UFBA	Biblionline

**Fonte:** Adaptado e atualizado de Furtado (2013, p. 31-33).

Conforme descrito no quadro 5, foram levantados 62 artigos produzidos no Brasil, publicados em periódicos da Ciência da Informação, principalmente no campo da Biblioteconomia sobre o tema: Biblioterapia.

No quadro 6, abaixo, temos a produção da autora, com o propósito de reunir e organizar as produções acadêmicas (monografias, teses e dissertações) publicadas por graduandos, mestrandos e doutorandos sobre o tema Biblioterapia, de autorias femininas, encontrados no Brasil, no campo da Ciência da Informação, cobrindo o período compreendido entre 1987 – data da primeira monografia sobre o tema -, até o 1º Semestre letivo de 2019 (1/2019), recuperados por meio dos repositórios institucionais das Universidades citadas, presentes no quadro supracitado.

**Quadro 6 –** Monografias, Teses e Dissertações produzidas no Brasil sobre Biblioterapia na formação em Biblioteconomia:

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO	UNIVERSIDADE
1987	Ana Maria Gonçalves dos Santos	Leitura para enfermos: uma experiência em um hospital psiquiátrico	Dissertação	UFPB
2001	Clariice Fortkamp Caldin	A poética da voz e da letra na literatura infantil (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)	Dissertação	UFSC
2002	Sabrina Rosa Vicari	Biblioterapia: uma aplicação na recreação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre	Monografia	UFRGS
2003	Simone Borges Paiva	A atuação do bibliotecário em projetos de biblioterapia	Monografia	UNESP (Campus Marília)
2004	Patricia Redel Nunes Teixeira	Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário	Monografia	UFRGS
2004	Andréa Campello Beneduzi	Bibliotecas especiais : a biblioteca hospitalar como um repositório de saúde e bem-estar ao alcance do paciente	Monografia	UFRGS
2005	Eliane Aparecida	O perfil do bibliotecario da	Dissertação	UFSC

	Junckes	área de ciências da saúde em Santa Catarina		
2006	Maria Rosa Pimentel Faria de Miranda	Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas braille de Campo Grande/MS : um estudo de caso	Dissertação	UNB
2006	Sandra Vanoni	A narração de histórias como coadjuvante terapêutico no tratamento de crianças com necessidades especiais	Monografia	UFRGS
2006	Marília Augusta de Freitas; Patrícia de Moraes Marcelo; Renata Guedes Ribeiro; Renata Lima Guedes Peixoto	Implementação da Biblioteca Casa Abrigo do Distrito Federal: a informação como mecanismo de transformação	Monografia	UNB
2007	Camila da Rosa Paes	Idosos moradores de instituição de longa permanência e a influência das narrativas literárias e musicais: um estudo de caso	Monografia	UFRGS
2007	Marília Guedes Pereira Mesquita	A biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba "Adalgisa Cunha"	Monografia	UFPB
2008	Daniela Alves Arantes	Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais na APAE de Capitólio-MG: aplicabilidade e resultados	Monografia	UNIFOR-MG
2008	Neilia Barros Ferreira; Mariana Giuberti	A importância da biblioteca e da biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia	Monografia	UNB
2009	Clarice Fortkamp Caldin	Leitura e terapia	Tese	UFSC
2009	Suellen de Oliveira Faria	Bibliobrilie : biblioterapia aplicada aos deficientes visuais	Monografia	UNB
2009	Cristiane de Castro Pires; Dienner Mory Rodrigues Silva	A biblioteca e a biblioterapia no tratamento dos pacientes da Associação Brasileira de Assistência as Pessoas com Câncer – ABRAPEC	Monografia	UNB
2009	Leandro Lopes Trindade	Biblioterapia e as bibliotecas de estabelecimentos prisionais : conceitos, objetivos e atribuições	Monografia	UNB
2010	Aime Áurea de Fátima Borges	Aplicação de biblioterapia no Centro Educacional Padre	Monografia	UFSC

	Almeida Zequinão	Jordan		
2010	Paula Euarda Caetano Simões	Biblioterapia, ação que sensibiliza: uma revisão de literatura da produção brasileira de 2000-2010	Monografia	FURG
2010	Deísa Divina Da Silva Machado	Biblioterapia: Percepção Dos Bibliotecários De Goiânia	Monografia	UFG
2011	Vanessa Brum da Silva	Biblioterapia: produção bibliográfica e aplicabilidade	Monografia	FURG
2011	Gesiane Ferreira Bezerra	Biblioterapia: uma análise da contribuição bibliotecária junto às crianças com câncer	Monografia	UFRN
2011	Taise Maria da Silva	Como o bibliotecário pode se inserir nas atividades de leitura como biblioterapia?	Monografia	UFRN
2011	Carla Queiroz de Araújo	A biblioterapia e o contar de histórias: um processo terapêutico	Monografia	UNB
2011	Ramon Ely	Leitura & Terapia : Biblioterapia para os enfermos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS	Monografia	UFRGS
2011	Patrícia Mousquer	Biblioterapia na Escola de Educação Infantil : estudo de caso na EMEI Ilha da Pintada	Monografia	UFRGS
2011	Lauren Collovini	Literatura infantil e PNEEs : o caso de crianças com limitação visual	Monografia	UFRGS
2011	Francine Baumbach Mattos	A aplicação da biblioterapia através da hora do conto com crianças e adolescentes institucionalizados: pesquisa e ação no Lar da Criança Raio de Luz	Monografia	FURG
2012	Rodolfo Costa da Silva	Biblioteca prisional : informação e reintegração	Monografia	UNB
2012	Rosane Lopes	Biblioterapia : um estudo de caso da prática de leitura realizada com pessoas com necessidades psicossociais	Monografia	UFRGS
2012	Daiana de Lima	Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Monografia	UFSC
2012	Verônica Flores Luz	A melhoria da qualidade de vida de doentes crônicos através da literatura espírita	Monografia	UFRGS
2012	Thais Caroline da Silva Sousa	Biblioterapia: estudo de revisão e comparativo da produção Brasileira e Norte americana	Monografia	UFG
2013	Renata Vieira Caetano	Biblioterapia : um estudo documental	Monografia	UNB
2013	Loiana Simões	A importância da biblioterapia	Monografia	UNB

	Noronha	com crianças internadas em hospitais		
2013	Rosane Cossich Furtado	A biblioterapia como apoio aos alunos na vida acadêmica	Monografia	UNB
2013	Amanda Barbosa Nogueira da Silva	Biblioterapia, a cura da alma pela leitura: um estudo acerca de sua aplicação, benefícios e atuação do bibliotecário	Monografia	UFRJ
2013	Mariana Giuberti Guedes	A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação	Dissertação	UNB
2013	Vanessa Martins de Melo	Mediação de leitura: a biblioterapia como fator para a inclusão social de idosos residentes em ILPIs	Monografia	UFRGS
2014	Aline do Nascimento Pereira	Biblioterapia no SUS: um projeto de lei	Monografia	UNB
2014	Avani Célia Feltz	Biblioterapia: análise de artigos indexados nas bases Brapci e Scielo no período de 2000 a 2013	Monografia	UFSC
2014	José Daniel Alves Balbino	A biblioterapia no contexto do câncer infantil: a leitura engrandece a alma	Monografia	UFPB
2014	Inez Helena Gacia	Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de biblioteconomia das universidades federal e estadual de Santa Catarina	Dissertação	UFSC
2014	Rebecca dos Santos Dias	A biblioterapia como intervenção entre o indivíduo e a sociedade	Monografia	UFRJ
2014	Vanessa Cristina de Oliveira Pacheco	Biblioterapia : a percepção dos formandos de biblioteconomia da Universidade de Brasília	Monografia	UNB
2015	Jéssica Gregório Nunes	O bibliotecário e a leitura terapêutica: uma proposta de biblioterapia em instituições de longa permanência para idosos	Monografia	UFRN
2015	Maria Helena Souza da Silva	Biblioterapia : experiência no contexto da evangelização espírita	Monografia	UNB
2015	Fernanda Bernardo Ferreira	A biblioterapia como instrumento de responsabilidade social do profissional bibliotecário: visão de alunos pré-concluintes	Monografia	UFPB
2015	Gelma Núcia de Araújo Bezerra	A responsabilidade social do bibliotecário com a prática de biblioterapia	Monografia	UFPB

2016	Júlia Gleich de Almeida Santos	Biblioterapia: Uma Ação Humanizadora Na Área De Biblioteconomia	Monografia	UFF
2016	Nádia da Silva Alexandre	Biblioteca prisional e biblioterapia como instrumentos de ressocialização	Monografia	UFF
2016	Isabela Lustosa	A importância da Biblioterapia no tratamento da depressão	Monografia	UFRJ
2016	Luciana Davis Nascimento	Leitura, biblioterapia e contação de histórias : fatores de contribuição para o desenvolvimento infantil	Monografia	UNB
2016	Juliana Carla Gomes da Silva	O Projeto de Lei N° 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia	Monografia	UFPB
2017	Carla Sousa da Silva	Biblioterapia no Brasil e na Polônia: distâncias e aproximação a partir da literatura científica	Dissertação	UFSC
2017	Natália Taumaturgo Bento	Biblioterapia : um estudo de caso na clínica The Therapist (Portugal)	Monografia	UNB
2017	Sandra Raquel Correa	Biblioterapia: uma revisão literária	Monografia	FURG
2017	Ricardo de Lima Chagas	Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental	Dissertação	UDESC
2017	Laís Machado Lobo	A biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na seção braille da Biblioteca Pública Arthur Vianna	Monografia	UFPA
2018	Luana de Araújo Bezerra	A biblioterapia na melhor idade: uma proposta para o Centro de Convivência de Idosos Geraldo Pinheiro em Macaíba - RN	Monografia	UFRN
2018	Amanda Maia Matos	Biblioterapia: a mediação da leitura através dos cursos e oficinas oferecidos no Brasil (2017-2018/1)	Monografia	UFRGS
2018	Jéssica da Silva Gadelha	Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)	Monografia	UFRN
2018	Maria Clara Silva Araújo	A biblioterapia como instrumento de socioeducação	Monografia	UNB
2018	Thays Bezerra Dias	A contação de histórias como fator biblioterapêutico : estudo de caso no Hospital de Base do Distrito Federal	Monografia	UNB

2018	Daniela Duarte Ramires	Biblioterapia: Das literaturas científicas aos cursos de biblioteconomia no Brasil	Monografia	FURG
2018	Wérleson Alexandre de Lima Santos	O bibliotecário como mediador cultural, a leitura literária e a biblioterapia no tratamento da depressão	Monografia	UFPE
2018	Sandy Larissa Souza dos Passos	As atribuições da biblioterapia desenvolvida em projetos	Monografia	UFPA
2018	Nilcidelia dos Santos Vieira	Biblioterapia no âmbito hospitalar: projeto turma da leitura	Monografia	UFPA
2019	Claudiana a Costa Barbalho	A biblioterapia e as instituições que abrigam idosos no município de Natal-RN	Monografia	UFRN

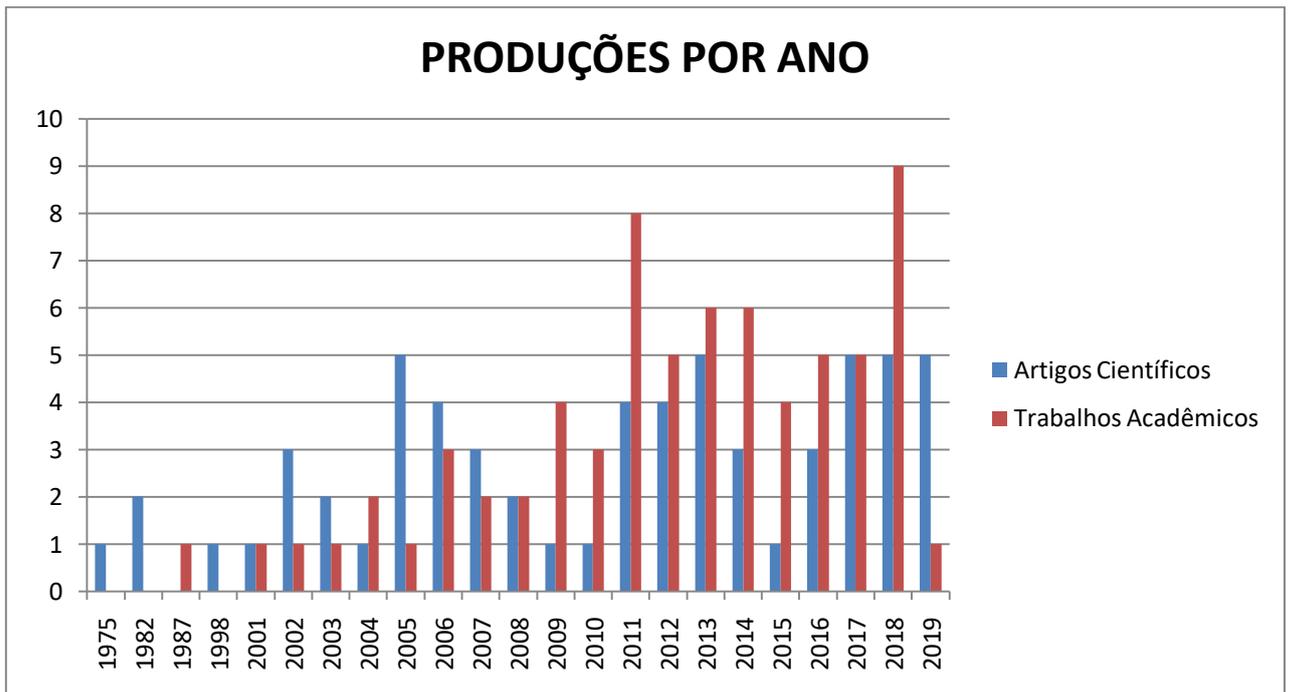
Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o quadro 6, foram levantados 70 produções acadêmicas (variando entre os níveis de Graduação, Mestrado e Doutorado), produzidos no Brasil, publicados em Repositórios Institucionais, no campo de Biblioteconomia sobre o tema: Biblioterapia. Nota-se a existência dos cursos em Universidades Públicas (Federais e Estaduais), citando somente uma instituição de ensino superior particular no levantamento.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os dados obtidos na pesquisa realizada, é possível indicarmos e datarmos os anos de produção acentuada sobre o tema, tanto nas produções de artigos científicos, como na produção e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos (em nível de graduação, mestrado e doutorado), como demonstra o gráfico a seguir, no âmbito da Ciência da informação, no Brasil.

Gráfico 1 – Número de Artigos Científicos, Monografias, Teses e Dissertações publicados por ano no Brasil.



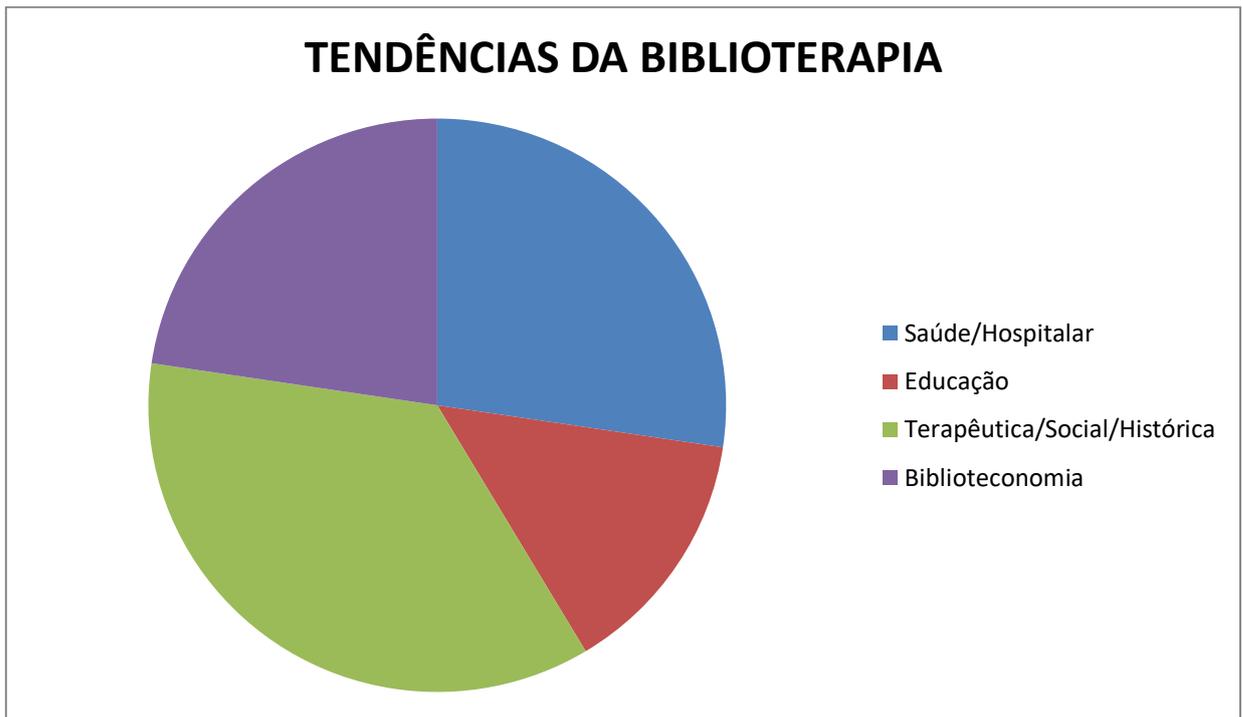
Fonte: Elaboração própria.

Fundamentando-se nos artigos recuperados e mostrados nos quadros 5 e 6, criou-se o gráfico 1, que descreve anualmente (desde os primeiros registros produzidos a cerca do tema) a produção sobre o tema de Biblioterapia tanto em Periódicos quanto nas formações acadêmicas de nível superior no Brasil, no Campo da Ciência da Informação.

Ao relacionar a produção a respeito da Biblioterapia, dentro da Biblioteconomia, com as linhas de pesquisa já existentes sobre o tema, pode-se categorizar e reunir os dados de acordo com a literatura pré-existente.

De acordo com a Literatura revisada para fundamentação teórica deste trabalho, podemos afirmar que as produções sobre Biblioterapia no campo da Ciência da Informação, dividem-se majoritariamente nas áreas da saúde, educação, prática terapêutica e quanto a atuação do Bibliotecário na área. O mesmo pode ser notado nas produções levantadas e organizadas conforme o direcionamento da pesquisa, como é demonstrado a seguir no gráfico 2.

Gráfico 2 – Subtemas das Produções a cerca de Biblioterapia:



Fonte: Elaboração própria.

Constatou-se a presença impositiva de mulheres na preocupação do desenvolvimento da parte social da CI. É notória a dedicação na pesquisa e produção científica para o crescimento da área de atuação na Biblioterapia, por bibliotecárias. A visão social do papel que pode ser desempenhados por profissionais da informação, é ligada ao estímulo da leitura e assiduidade nas Bibliotecas, sejam elas públicas e/ou comunitárias, escolares, hospitalares ou especializadas.

As bibliotecárias vislumbram a atuação na mediação da biblioterapia. Em relação ao papel social de mediador, conforme Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 3) enfatizam que o profissional mediador pode interferir eticamente no cotidiano da pessoa, fomentando a busca de informação e de leituras, e, por meio destas, um conhecimento adquirido se torna uma construção constante da vida.

Os resultados apresentados no gráfico 2, apontam a maior produção entre os artigos levantados a respeito da função social, terapêutica e histórica da Biblioterapia, incluindo a realização da Biblioterapia como ocupação para idosos e casas de recuperação e ressocialização.

Seguindo, temos os estudos a respeito da humanização em processos hospitalares e contribuições para recuperação de pacientes em tratamentos de



No âmbito acadêmico, é impossível não destacar o papel de Clarice Fortkamp Caldin, pesquisadora de grande renome na Biblioterapia para a Ciência da Informação. Dentre os dados levantados, Caldin acumula um total de 15 produções, sendo 13 artigos científicos publicados nos periódicos da CI listados no quadro 5, e 2 produções acadêmicas, a nível de Mestrado e Doutorado. Tendo em vista a temática levantada neste trabalho, Caldin merece ainda mais destaque, como mulher na CI, produzindo sobre a Biblioterapia e orientando estudantes em suas produções acadêmicas em grande número na região Sul, principalmente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A dedicação de bibliotecárias à Biblioterapia na CI se reafirma neste trabalho ao ponto social e terapêutico que buscamos construir com esta pesquisa, buscando não somente desenvolver a pesquisa acadêmica, mas também destacar a Biblioterapia como uma possível atuação para o profissional bibliotecário.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Biblioterapia pode ser entendida como uma leitura dirigida para o tratamento de diversas questões, de modo terapêutico, visando contribuir para o desenvolvimento do indivíduo desde sua infância. Notou-se a presença da prática da leitura como terapia desde os tempos remotos, perpassando por diferentes povos e resistindo à história, mesmo no ambiente de guerra, por exemplo.

A Ciência da Informação abrigou a Biblioterapia de maneira singular, possibilitando ao profissional bibliotecário a atuação de forma social no desenvolvimento desta atividade com seus usuários, nos mais diversos ambientes. Mesmo não sendo a única Ciência a estudar a Biblioterapia – pois esta é interdisciplinar –, a atividade teve sua realização facilitada pelo ambiente das bibliotecas, centrais na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A Presente pesquisa objetivou-se a identificar e salientar a presença do gênero feminino da pesquisa e produção do conhecimento a cerca da Biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação no Brasil, realizou-se um levantamento de aproximadamente 40 anos, desde datadas as primeiras produções de conhecimento científico sobre a Biblioterapia no contexto da Ciência da Informação.

O desenvolvimento da Biblioterapia relaciona-se com a responsabilidade social, mudança cognitiva, comunicação informacional e método terapêutico, o que

permite ao profissional bibliotecário uma atuação brilhante, tendo em vista características que aproximam a Ciência da Informação da Biblioterapia. Neste contexto, consideramos as contribuições da produção das mulheres no tocante a Biblioterapia de grande valia, observando o emprego desta na área terapêutica e social; de ressocialização; no trato com idosos e crianças órfãs; na área hospitalar; no campo da educação e também no campo da atuação bibliotecária e quanto à especialidade do estudo na Ciência da Informação.

Ainda sim, de modo geral tornou-se possível afirmar que a temática ainda é pouco explorada na Ciência da Informação, e que sua literatura ainda é escassa, mesmo que a área esteja em crescente desenvolvimento. Acredita-se que a predominância feminina esteja relacionada também a crescente participação das mulheres na contribuição da produção do conhecimento científico, fenômeno que vem em expansão aproximadamente desde a década de 60, com os primeiros movimentos feministas, e que atualmente destacam-se com a ocupação de cargos políticos por mulheres que visam investir em políticas públicas que viabilizem a participação de mulheres nos espaços de produção do conhecimento acadêmico e científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação como Ciência Social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

BEATTY, William K. A historical review of bibliotherapy. *Library Trends*, v. 11, n. 2, p. 106-117. 1962.

BORKO, Harold. Information science: what is this? **American Documentation**. 1968. Disponível em:  
<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>>. Acesso em set. 2019.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em ciência da informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.17-38 (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: Coletânea de textos **didáticos**. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 199-240, 2012.

BURCH, Sally. Sociedade da informação /sociedade do conhecimento. 2005. Disponível em: <<https://vecam.org/archives/article699.html>> Acesso em 15 ago. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Literatura, 2009

\_\_\_\_\_. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p. ISBN 9788560434657.

\_\_\_\_\_. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, 2001.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CAPURRO, Rafael. **Foundations of information science: review and perspectives**. 2010. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: 25 maio 2019.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORRÊA, Elisa C.D. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23/28292>> . Acesso em: 02 jun. 2019.

CRIPPA, Giulia. Currículo do sistema currículo Lattes. [Brasília], 20 mar. 2018. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K470088>> . Acesso em: 17 set. 2019.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. *Em Questão*, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 57-72, jan./jun. 2009.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**. Porto Alegre, v.14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, dez. 2003. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira; TEIXEIRA, Rafaela Pereira.; EVANGELISTA, Raimunda Lima. Relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do Maranhão. Múltiplos olhares em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2146>> . Acesso em: 10 julho 2019.

FURTADO, Rosane Cossich. **A biblioterapia como apoio aos alunos na vida acadêmica**. 2013. 60 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Datagramazero**, [Rio de Janeiro], v. 9, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/01/pdf\\_cba3e7ea29\\_0007594.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_cba3e7ea29_0007594.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GUEDES, Mariana Giubertti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2013

GUEDES, Mariana Giubertti; BAPTISTA, Sofia Galvão. **Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação**, v. 18, n. 36, p. 231-253, Jan./Abr. 2013.

GUEDES, Mariana Giubertti; FERREIRA, Neilia Barros. **A importância da Biblioteca e da Biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia**. 133f. (Monografia de Bacharelado em Ciência da Informação e Documentação). Brasília, Universidade de Brasília, 2008.

JACK, Sarah J.; RONAN, Kevin R. Bibliotherapy: practice and research. **School Psychology International**, Johannesburg, v. 29, n, 2, p. 161-182, Apr. 2008.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas, São Paulo, Pontes, 1997.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p

LETA, Jaqueline. **As mulheres na ciência brasileira**: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, v. 49, set./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300016&script=sci_arttext)> . Acesso em: 01 setembro de 2019.

LOURO, G. L. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História (PUCSP)**, São Paulo, v. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspect. ciênc. Inf*, Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006.

MATOS, Marlise. Gênero. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela N. (Org.). **Dicionário feminino da infâmia**: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. p.153-155.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação e Informação, Londrina**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1747/1496>> . Acesso em: 18 set. 2019.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010337862005000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010337862005000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 ago. de 2019.

RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 3, n. 3, 1998. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/330/391>>. Acesso em: 10 out. 2019.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. R. **Esc. Bibliotecon.** UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.198-214, set. 1975.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a Biblioterapia. 2006. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações.

RUBIN, Rhea Joyce. **Using bibliotherapy**: a guide to theory and practice. London: Oryx Press, 1978.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, gestão e sociedade: revista da faculdade Eça de Queirós**, v. 3, n. 12, nov. 2013. Disponível em: <[http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170509155548.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509155548.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2019.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação**: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>> . Acesso em: 02 set. 2019

SARDENBERG, Cecilia M. B. *Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista*. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> . Acesso em: 14 ago. 2019.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. 79 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da biblioterapia como campo de atuação profissional no Brasil**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVERBERG, Lawrence I. Bibliotherapy: The therapeutic use of didactic and literary texts in treatment, diagnosis, prevention, and training. *Journal of the American Osteopathic Association*: Special Communication, v. 103, n. 3, mar. 2003.

SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. **Ciência da Informação**: uma ciência moderna ou pós-moderna? In: Lara, Marilda Lopes de; Fujino, Asa; Noronha, Daisy Pires, orgs. Informação e contemporaneidade: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

SOUZA, Maria A. R. de; AFONSO, Lúcia H. R. O trabalho em bibliotecas: desafios para a construção de novas relações de gênero. *Observatório em Debate*, v. 1, 2014.

TERSARIOL, Alpheu. **Dicionário de língua portuguesa**.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS**, [S.l.], v. 29, n. 1, fev. 2016. ISSN 2236-7594. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/4585>>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

VIEIRA, V. A. **As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing**. Revista da FAE: Curitiba, 2002.